

RELAÇÃO EDUCAÇÃO E CAPITAL: DISCUSSÕES INICIAIS

Data de aceite: 01/09/2023

Marcos Adriano Barbosa de Novaes

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UECE), Mestre em Educação e Ensino (MAIE/UECE).

Ruth Maria de Paula Gonçalves

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora no Programa de Pós-graduação em Educação PPGE-UECE.

Luciana Maria de Paula

Pedagoga e graduada em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, possui pós-graduação em Gestão, Planejamento e Gestão Escolar, em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Educação especial com ênfase no AEE. É professora efetiva da rede municipal de Sobral. Tem experiência na área de Educação, participou do Processo de Desenvolvimento do Documento Curricular de Português e de Matemática e do Grupo de Revisão e Colaboração do Currículo de Ciências da Rede Municipal de Ensino de Sobral. Atualmente, faz parte da Coordenadoria de Ensino Fundamental I, na Secretaria de Educação de Sobral/CE.

Cícero Ricardo Barbosa de Paiva

Bacharel e Licenciado em Educação Física pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA em 2013.1, e atualmente cursando Letras - Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. Especialista em Educação Física Escolar.

INTRODUÇÃO

Na sociedade em que vivemos, a Educação passou a ocupar lugares nos discursos políticos como sendo a única forma da construção de um mundo melhor, a mesma é colocada como ferramenta responsável para acabar com as desigualdades sociais. Contudo defendemos que a Educação é umas das possibilidades que pode contribuir para o surgimento deste novo mundo.

Parafraseando com Freire acreditamos que a educação não transforma o mundo, mas sem ela tampouco o mundo muda, é nesta perspectiva que traçamos aqui em linhas breves que a educação não é a redentora como é anunciado nas

grandes mídias e nos discursos políticos. Trazemos para reflexão neste trabalho alguns questionamentos presentes no livro “A educação para além do capital” de autoria do filósofo Húngaro István Mészáros que é considerado atualmente um dos mais importantes pensadores do marxismo.

Dentre as indagações estão: Qual o papel da Educação na construção de um mundo possível? Como construir uma Educação, cuja principal referência seja o ser humano? Como se constitui uma Educação, na sociedade do capital, que realize as transformações políticas, econômicas culturais e sociais necessárias para a emancipação? Quais os impactos da lógica do capital, sobre os processos educacionais e sociais? Ao mesmo tempo em que estas perguntas nos levam a refletir sobre a função da Educação na atual sociedade, elas intitulam os itens deste artigo e são nossas questões norteadoras.

O objetivo deste estudo investigativo é refletir sobre a possibilidade da educação na superação do atual modo de produção capitalista, que tem em seu cerne a exploração do homem pelo homem.

A investigação foi efetivada mediante pesquisa bibliográfica e foi fundamentada sobre os pressupostos dos seguintes autores: Mészáros (2008), Tonet (2005), Guareshi (1986), Gadotti (1998), Saviani (2008), Cañadell (2013).

Qual o papel da educação na construção de um mundo possível?

A construção deste mundo através da Educação só será possível, acreditamos, com a superação do atual sistema capitalista. Segundo Guareshi (1986) a escola é parte integrante do Estado que busca através do seu espaço reproduzir seus interesses e suas ideologias, ou seja, a Educação recebida hoje por nossos educandos é reprodutivista, uma vez que a escola é um espaço de Poder. O autor afirma que a escola é como uma superestrutura, sendo uma instituição criada para produzir e garantir as relações de poder, e que a mesma é controlada por aqueles que o detêm, o que corrobora para vários problemas da Educação [...]. O problema central continua sendo a relação da Educação com a sociedade continua sendo a vinculação entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo, enfim, a questão da manutenção do poder [...] (GADOTTI, 1998, p.58).

É interessante aqui ressaltar a etimologia da palavra Educação, a fim de compreendê-la neste processo utópico de um mundo novo “[...]Educação é uma palavra que vem do latim, de duas outras: **e** ou **ex**, que significa de dentro de, para fora; e educere, que significa tirar, levar [...]” (GUARESHI, 1986, p.70). Ou seja, Educação é extrair do ser humano suas potencialidades que precisam ser desenvolvidas no processo educativo, processo este que acontece no espaço chamado escola.

O cenário educacional hoje no Brasil é bastante parecido com o que foi vivenciado na Grécia antiga onde conforme Guareshi (1986), a Educação neste país era pautada em dois modelos: o primeiro conhecido como manipulador que objetivava adaptar as pessoas

a seus interesses, este modelo era comandado pelos detentores do poder “[...] Nesse sentido, toda educação seria essencialmente conservadora, reacionária, visto que ela tem como função na sociedade a reprodução dessa mesma sociedade [...]” (GADOTTI, 1998, p.60). O segundo modelo conhecido como libertador tendo como principal representante Sócrates¹ que propunha o processo de desenvolvimento da pessoa a partir dela mesma.

Se Sócrates não conseguiu concretizar seu modelo libertador, vejamos nós no atual momento, em que os alunos não são estimulados a pensar e questionar a ordem vigente. Guareshi (1986) apresentou no texto o aparelho ideológico da Escola², uma visão semelhante a de Mandeville de que no século XVIII, para a manutenção de uma sociedade harmônica era necessário um povo dócil, sendo em larga escala analfabetos.

A educação neste âmbito mais uma vez é vista como ferramenta imprescindível para a reprodução do poder e domínio de determinada classe em detrimento da classe menos favorecida [...]. A Educação e o sistema escolar, em particular, enquanto aparelho ideológico da classe dominante, é essencialmente aparelho de reprodução de classes e reprodução das relações de produção da sociedade de classes [...] (GADOTTI, 1998, p.60).

No Brasil, vivenciamos características semelhantes que pregava Mandeville, pois, presenciamos uma escola massificada justificada sob o discurso de acesso a todos a Educação, mas cabe a nós a seguinte indagação: Que escola e Educação queremos? Que tipo de cidadão estamos formando? Quais os conteúdos ensinados? Quem está ocultamente direcionando o currículo escolar?

Neste sentido concordamos severamente com Guareshi (1986), que afirma que o modelo de escola atualmente nos países subdesenvolvidos, capitalistas dependentes, é o padrão de escola que o sistema capitalista se perpetua e continue a obter lucro. O autor supracitado apresenta duas funções principais que a escola desenvolve no presente: preparar mão-de-obra para o capital e reproduzir as relações de dominação e exploração.

A educação dos países periféricos vem se desenvolvendo pela matriz dos condicionamentos ou comportamental apresentada por Guareshi (1986). Essa matriz é caracterizada pela sua prática voltada para o estímulo. O processo de ensino-aprendizagem é baseado na imitação e repetição, não propiciando o aluno o momento de questionamento, de discussão, apesar de tantos avanços na nossa educação ainda é presente algumas práticas arcaicas na sala de aula,

[...] Se formos examinar nossa pedagogia, ou nossa didática, veremos que a quase absoluta maioria dos métodos usados são baseados nessa matriz teórica, do estímulo-resposta. Os professores fazem as coisas, dão exemplos, e os alunos reproduzem e repetem o que lhe é pedido [...] (GUARESHI, 1986, p.72).

1 Conforme Guareshi (1986) Sócrates comparava o a função do professor a um parteiro, no sentido que o parteiro tira o humano do humano. Para ele a Educação deveria seguir esse processo, o educador seria aquele que extrai do interior das pessoas, o que existe de humano nelas, esse princípio de Sócrates é conhecido como Maiêutica, em que o não se dava as respostas, mas fazia-se perguntas com a finalidade de estimular o pensamento.

2 Ver em: GUARESHI, Pedrinho Alcides. Sociologia Crítica: alternativas de mudanças. Porto Alegre. Mundo Jovem, 1986.

Voltemos a pergunta inicial: Qual o papel da Educação na construção de um mundo possível? Mas, como é possível um novo mundo se ainda presenciarmos práticas educativas de séculos passados, em que o aluno pode ser comparado a um papagaio que apenas repete o que escuta? Onde o conteúdo explanado é esvaziado de significado político? Caso continuemos a insistir nesta prática educacional será impossível à construção de um mundo novo. Estaremos, na verdade, contribuindo para a formação de pessoas alienadas que tem recebido uma educação voltada para o trabalho alienado no sistema capitalista,

Se formos examinar o mundo do trabalho no modo de produção capitalista, veremos que o tipo de homem necessário ao bom desempenho numa fábrica ou empresa é um trabalhador que faça as coisas com eficiência e rapidez. Fazer bem e rápido: eis tudo. Não precisa pensar, não precisa decidir, não precisa planejar. Apenas executar. Aliás, quanto menos pensar, melhor [...] (GUARESHI, 1986, p.73).

Todo esse modelo de ser humano citado anteriormente eficiente, rápido e acrítico tem sido produto da escola, especificamente da escola pública, esta tem sido responsável para a preparação não para a cidadania, mas para o trabalho, pautada na competição e no individualismo [...] A escola tem servido, pelos seus programas, pela sua política, pela sua prática, para legitimar o poder totalitário, constituindo-se, portanto, num empecilho para o avanço em direção a uma sociedade democrática, simplesmente democrática [...] (GADOTTI, 1998, p.62).

Como se constitui uma educação, na sociedade do capital, que realize as transformações políticas, econômicas culturais e sociais necessárias para a emancipação?

Para responder a pergunta aqui proposta, buscamos apoio na concepção de educação socialista e na concepção de homem defendida por Marx, tendo em vista que a Educação assim como o trabalho é uma atividade essencialmente humana. Sendo o trabalho categoria fundante do ser social, que por sua vez é produto do meio em que vive. O homem difere do animal por adaptar a natureza as suas necessidades, retirando dela através do trabalho tudo o que for necessário para sua sobrevivência.

[...] Precisa agir sobre a natureza transformando-a e ajustando-a às suas necessidades. Em lugar de adaptar-se à natureza, tem de adaptá-la a si. E esse ato de agir sobre a natureza transformando-a é que se chama trabalho. Portanto, é pelo trabalho que os homens produzem a si mesmos. Logo o que o homem é, o é pelo trabalho. O trabalho é, pois, a essência humana [...] (SAVIANI, 2008, p.225).

É nesta perspectiva do trabalho que buscamos compreender a concepção de uma nova educação que esteja relacionada com o trabalho, mas não alienado, mas na expectativa de transformações políticas, econômicas culturais e sociais necessárias para a emancipação.

Acreditamos que o alcance da emancipação humana, no atual sistema capitalista torna-se praticamente inviável porque o ser humano não se reconhecer no seu próprio trabalho. Assim o produto de seu trabalho é visto por ele como algo estranho, não o reconhecendo como fruto da sua força de trabalho que, por conseguinte vem a se tornar mercadoria, sendo esta última é principal característica do sistema capitalista.

Saviani (2008) apresenta dois modos de alienação do trabalho: o subjetivo que já falamos anteriormente como sendo aquele que o homem tende a estranhar o produto de seu trabalho,

[...] a) os produtos de seu próprio trabalho são visto como objetos estranhos, alheios; b) o trabalho, apesar de ser sua própria atividade, é considerado como algo externo no qual ele encontra não a sua realização, mas a sua perdição, um fator de sofrimento, e não de satisfação [...] (SAVIANI, 2008, p.226).

O outro modo de alienação refere-se ao objetivo que traz como elemento característico a pauperização material e espiritual do trabalhador, em que além do trabalho alienado produzir mercadoria, o próprio homem tornar-se mercadoria. A Educação nos diversos tipos de sociedades tem contribuído neste processo, a partir do momento em que passamos a ofertar uma educação “diversificada” à Educação da burguesia e a da classe dominada,

[...] a educação que a burguesia concebeu e realizou sobre a base do ensino primário comum não passou, nas suas formas avançadas, da divisão dos homens em dois grandes campos: aquele das profissões manuais para as quais se requeria uma formação prática limitada à execução de tarefas mais ou menos delimitadas, dispensando-se o domínio dos respectivos fundamentos teóricos; e aquele das profissões intelectuais para as quais se requeria domínio teórico amplo a fim de preparar as elites e representantes da classe dirigente para atuar nos diferentes setores da sociedade [...] (SAVIANI, 2008 p.232).

Podemos notar que a Educação tem papel primordial na formação da emancipação humana, mas por ser ela dirigida pela classe dominante torna-se praticamente impossível o cumprimento de sua função.

Com base em Saviani (2008) acreditamos que as transformações políticas, econômicas culturais e sociais necessárias para a emancipação só se dará numa educação socialista. Isto seria uma contraposição ao modelo de educação burguesa, uma via de combate o sistema burguês de ensino. O autor propõe dois tipos de Educação como enfrentamento a Educação das elites, a primeira seria de nível fundamental com a finalidade de romper com a distinção entre homem e sociedade. Possibilitando assim um tipo de ensino que findaria a separação entre indivíduo e cidadão, almejando a reaproximação do homem individual com o cidadão abstrato fazendo com que haja a passagem do homem individual para o ser genérico.

Seguindo o ideário de uma educação socialista do nível fundamental, vamos agora

ao nível médio, sob a perspectiva de Saviani. Aqui surge a concepção de Politécnica que [...] permita a superação da contradição entre o homem e o trabalho pela tomada de consciência teórica e prática do trabalho como constituinte da essência humana para todos e cada um dos homens [...] (SAVIANI, 2008, p.234). Nos moldes de uma educação Politécnica no ensino médio cabe a ela relacionar o conhecimento teórico com a prática do trabalho e articular ambos ao processo produtivo.

Ressaltamos aqui a distinção feita por Saviani (2008) entre a Educação politécnica e ensino médio profissionalizante. O que defendemos aqui na politécnica é que o ensino médio possibilite ao educando “[...] o domínio das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas. Não a formação de técnicos, mas de Politécnicos [...]” (SAVIANI, 2008, p.236). Ou seja, o conceito de politécnica refere-se ao conjunto de diferentes técnicas presentes na produção moderna. Já a concepção que está em voga atualmente de ensino médio profissionalizante alicerça-se no adestramento especificamente em uma determinada habilidade, desconsiderando o conhecimento que a funda, gerando assim o distanciamento com o processo produtivo.

A educação politécnica propõe a junção entre teoria e o trabalho produtivo no sistema capitalista. Feito isso talvez possamos afirmar que seria um dos caminhos para a superação do capitalismo e quiçá brote os primeiros indícios de uma sociedade socialista com a construção de uma escola unitária que ofereça a formação omnilateral.

Quais os impactos da lógica do capital, sobre os processos educacionais e sociais?

Com a intervenção dos Organismos Internacionais, como o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio, o resultado não poderia ser diferente, temos uma Educação a serviço do capital. Nesse sentido percebemos que houve uma expansão setorial do capitalismo, sob a égide do modelo neoliberal. No ideário neoliberal Educação ganha uma nova característica deixa de ser direito social politicamente conquistada e surge sob a roupagem de educação a serviço da economia, perdendo seu caráter de direito universal e passando a ser vista como investimento individual.

Segundo Cañadell (2013), este novo conceito de Educação está baseado claramente em interesses mercadológicos “[...] abrir o mercado educativo que supõe bilhões de euros, para que as empresas privadas possam realizar negócios neste setor, e oferecer uma formação a serviço das empresas, adequando a educação às necessidades do mercado de trabalho” (CAÑADELL, 2013, p.34).

O bojo de uma educação a serviço do capital nos países subdesenvolvidos da América Latina, de modo mais específico, o Brasil teve como mentor o ex-presidente da República Fernando Collor de Melo, que teve um curto mandato, de 1990 a 1992. Mas foi em 1990 que Collor começou a disseminar o ideário neoliberal na política brasileira,

almejando a desresponsabilização do Estado na oferta de alguns direitos, dentre eles a Educação “[...] Desde o fim dos anos 1990, a política educativa em nível internacional se redefiniu em virtude das necessidades do capitalismo e sua versão neoliberal [...]” (CAÑADELL, 2013, p.34).

Os impactos da lógica do capital, sobre os processos educacionais e sociais podem ser notados em diferentes ações materializadas na atual educação, mas vale ressaltar que tais ações seguem orientações de um entre vários organismos internacionais que passaram a ditar o modelo de educação necessária para sustentação do capitalismo, OCDE e o BM apregoam explicitamente elementos,

[...] a Organização Mundial do Comércio (OMC) se preconiza a abertura do mercado do ensino e liberalização deste serviço, O Banco Mundial ‘recomenda’ a privatização e a gestão empresarial dos centros educativos, a competitividade entre as escolas, a imposição de ‘competências básicas’ que tentam orientar os conteúdos da educação mundialmente, adequando-os às necessidades dos postos de trabalhos, uma diminuição do gasto público destinado ao setor, um aumento do financiamento individual (a educação, como qualquer investimento, há de se pagar), e a gestão dos sistemas educativos capaz de rentabilizar os gastos e o aumento de sua eficiência [...] (CAÑADELL, 2013, p.35).

Diante do exposto compreendemos que o Estado vai se eximindo de ofertar Educação gratuita e de qualidade concedendo abertura para as empresas privadas nesse âmbito. Aos poucos a educação torna-se uma mercadoria rentável como outra qualquer. Some a figura do educando e surge a do usuário, os professores assumem a função de repassadores de conteúdos e executores de metodologias forjadas pelos organismos internacionais. Concordamos com Cañadell (2013) quando este afirma que na lógica capitalista a Educação deixa de ser direito e passa a ser mercadoria comercializável, estando ao alcance de quem pode comprá-la, perdendo seu caráter formativo e assumindo a lucratividade como principal adjetivo.

Com o avanço do neoliberalismo e sua respectiva política, que consistem na retirada de direitos relativos à Educação, dentre outros, conquistados historicamente, Oliveira (2009) apresenta quatro consequências do processo de globalização que nos permite perceber a mercantilização da Educação.

a) a crescente centralidade da educação na discussão acerca do desenvolvimento e da preparação para o trabalho, decorrente das mudanças em curso na base técnica e no processo produtivo; b) a crescente introdução de tecnologias no processo educativo, por meio de softwares educativos e pelo recurso à educação a distância; c) a implementação de reformas educativas muito similares entre si na grande maioria dos países do mundo; d) a transformação da educação em objeto do interesse do grande capital, ocasionando uma crescente comercialização do setor [...] (OLIVEIRA, 2009, p.2).

A partir destes elementos apresentados por Oliveira (2009) é possível inferir que

estamos caminhando para o processo de privatização do pouco que resta dos serviços públicos ofertados pelo Estado. Na Educação básica os currículos escolares se reestruturam cada vez mais para atender o mercado de trabalho. Disciplinas importantes para a formação humana e cidadã, que ofertam a possibilidade de reflexão e de uma possível oposição ao atual sistema, estão fora do currículo ou tem espaços cada vez mais reduzidos. Como no caso da Filosofia e da Sociologia, por exemplo.

A escola pública tem preparado seus educandos ofertando o essencial, como disciplinas que privilegiam apenas a leitura, escrita e matemática. Esses são considerados conhecimentos básicos e necessários para a execução de tarefas impostas pela lógica do capital. Em suma o objetivo é a formação de trabalhadores destinados a ocuparem cargos em grandes fábricas. Profissionais de baixa qualidade, cujo processo de alienação de seu trabalho os impede de questionar as questões em que estão profundamente imbricados, os tornando dóceis e aptos a executar o que lhe for ordenado.

Na Educação superior o cenário é ainda pior, tivemos uma explosão na oferta do ensino superior sob a pseudodiscurso de possibilitar a juventude o acesso à universidade. No Brasil atualmente os estabelecimentos privados estão dominando a oferta e demandas relativas a este nível de ensino.

Dados colhidos do senso da Educação Superior (2013), nos mostram o rumo que o ensino superior no Brasil vem seguindo. O país conta com 2.391 instituições de ensino superior em que apenas 301 são públicas (106 federais, 119 estaduais e 76 municipais). As instituições privadas predominam este nível de ensino apresentando 2.090 instituições educacionais que atendem ao ensino superior.

Dos dados apresentados podemos tirar várias conclusões, como: o modelo universitário pautado na indissociabilidade entre ensino-pesquisa-extensão vem perdendo espaço para outros modelos praticados em instituições credenciadas junto ao MEC a ofertar o ensino superior. A saber, foco apenas no ensino, cursos de curta duração na modalidade semipresencial ou à distância. Tais modelos têm como protagonistas os grandes grupos empresariais que têm como principal ramo a Educação. Como, por exemplo, a Anhanguera Educacional, e não podendo deixar de citar aqui, o Movimento Todos pela Educação, lançado em 06 de setembro de 2006 em São Paulo que [...] reúne os principais grupos econômicos que constituem o bloco de poder dominante [...] (LEHER, 2010, p.379).

Dentro deste Movimento podemos citar os grupos econômicos que ditam atualmente os rumos da educação brasileira, escamoteando as reais intenções implícitas na sua aparente benevolência para com as classes menos desfavorecidas, social e educacionalmente. Neste conjunto temos segundo Leher (2010), o Itaú, Fundação Roberto Marinho, Fundação Victor Civita, Grupo Gerdau entre outros que de maneira indireta constroem o modelo de “educação” visando o tipo de sociedade por eles pensado.

Podemos inferir que, o que está em jogo para tais grupos não é a preocupação com a alfabetização, escolarização, mas sim a formação de mão-de-obra que atenda as

necessidades do sistema capitalista extraindo a força de trabalho. No Brasil, o Estado tem corroborado para que se concretize cada vez mais a concepção neoliberal de educação por meio de organismos internacionais e nacionais, como alguns grupos econômicos citados há pouco.

Como construir uma educação, cuja principal referência seja o ser humano?

Partimos da afirmação de Meszáros que se faz presente em sua obra intitulada *Educação para além do Capital*, onde o autor enfatiza que é preciso “[...] romper com a lógica do capital, se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MESZÁROS, 2008, p.27).

A educação institucionalizada surgiu como ferramenta de legitimação dos interesses das classes dominantes nos diversos tipos de sociabilidade e continua a exercer essa função na sociedade capitalista, a educação tem contribuído para a expansão do sistema capitalista, reafirmando a ordem estabelecida como algo natural e inalterável [...] Naturalmente, as instituições de educação tiveram de ser adaptadas no decorrer do tempo, de acordo com as determinações reprodutivas em mutação do sistema do capital (MÉSZÁROS, 2008, p.42).

Concordamos com Mészáros quando afirma que a relação, educação e capital se dá na medida em que este último procura assegurar que cada indivíduo tome para si, as metas de reprodução objetivamente possíveis do sistema. Trazemos para esta discussão o que o autor acredita e que comungamos da ideia que para romper com a lógica do capital na educação é preciso romper também com internalização.

Mészáros, para uma discussão que já foi levantada em outros parágrafos, no que diz respeito à vinculação da educação como redentora da sociedade. O indivíduo ao internalizar os valores do capital via pressões externas, tendem a “[...] adotar as perspectivas globais da sociedade mercantilizada como inquestionáveis [...]” (MÉSZÁROS, 2008, p.45), como saída desta situação o autor aponta que se dará apenas com a mais consciente das ações coletivas.

Retornando nossa discussão do parágrafo anterior, sobre a responsabilização da educação como redentoras de todos os males da sociedade, esta até poderia assumir essa função, caso fosse à força primária que sustenta o capitalismo.

Concordamos com Mészáros (2008) que a Educação formal institucionalizada, não é a peça que consolida o sistema vigente, se assim fosse ocuparia a função primária. O que funda a sociedade capitalista é a exploração do homem pelo homem, em que uns detêm os meios de produção e outros apenas a força de trabalho. Sendo assim a Educação é apenas mais um elemento que contribuí para as relações de desigualdades. Neste sentido ela tem a função de [...] produzir tanta conformidade ou ‘consenso’ quanto for capaz, a partir de dentro e por meio dos seus próprios limites institucionalizados e legalmente sancionados

[...] (MÉSZÁROS, 2008, p.45).

Acreditamos que romper com a Educação sob a lógica do capital através de outra forma de sociabilidade que possibilite uma Educação emancipadora. Na atual sociedade as relações de desigualdades não estão baseadas na educação e sim no processo de trabalho, por isso não podemos dissociar a Educação da esfera econômica, social e política.

Neste sentido a relação do capital com o trabalho e este por sua vez vinculado a outros mecanismos, fortalecem as desigualdades sociais. Com base em Tonet (2005) um desses mecanismos é apresentado na relação de compra-e-venda³ de trabalho. Tal relação coloca os indivíduos em lados opostos, em que detentor do capital, meios de produção e riqueza acumulada irá explorar aquele que somente possui a força de trabalho. Propondo assim uma troca injusta, ou seja, um salário não condizente com sua produção. Marx deixa claro que esta forma de trabalho –assalariada - torna impossível a entrada do trabalhador numa comunidade genuinamente humana.

Acreditamos que para construir uma Educação, cuja principal referência seja o ser humano, são necessárias duas abordagens, a primeira por meio da superação da sociedade capitalista, atingindo a emancipação humana, isto é, o comunismo. Este modelo de sociedade possibilitará o que mais apregoa Tonet, que é o trabalho associado que possibilita um novo tipo de relação do homem com o homem que não se pauta em subordinação e/ou exploração,

[...] o trabalho associado pode ser, inicialmente, definido como aquele tipo de relações que os homens estabelecem entre si na produção material e na qual eles põem em comum as suas forças e detêm o controle do processo na sua integralidade, ou seja, desde a produção, passando pela distribuição até o consumo [...] (TONET, 2005, p.83).

A segunda via para se chegar numa Educação focada no ser humano, seria por uma atividade educativa emancipadora que privilegiasse suas possibilidades e seus limites.

Tonet (2005) apresenta cinco requisitos que caracterizam uma atividade educativa emancipadora. A primeira delas se refere a finalidade da Educação, tendo o conhecimento como ponto de partida, desde que este seja “[...] o mais profundo e sólido possível da natureza do fim que se pretende atingir, no caso, emancipação humana [...]” (TONET, 2005, p.145).

O segundo requisito apresentado é a continuidade do primeiro, ou seja, consiste na apropriação do conhecimento referente ao processo histórico nas dimensões universais e particulares, mediado por situações concretas, materializadas historicamente. Segundo o autor citado há pouco, para que uma ação educativa se torne eficaz ela precisa “[...] nutrir-se de um conhecimento efetivo do processo real. É necessária uma compreensão, o [sic] mais ampla e profunda possível, da situação do mundo atual; da lógica que preside

³ “O ato de compra-e-venda de força de trabalho, contudo, não é o responsável fundamental apenas pela produção e reprodução das desigualdades sociais. Ele também é o ato originário da forma específica da alienação que se realiza sociabilidade capitalista [...]” (TONET, 2005, p.60).

fundamentalmente a sociabilidade regida pelo capital [...]” (TONET, 2005, p.149).

Temos como terceiro requisito apresentado por Tonet o conhecimento da natureza essencial do campo específico da Educação. O autor assevera que este conhecimento tem sua importância na medida em que cumpri a função objetiva da Educação como uns dos elementos que ajudará na construção da nova forma de sociabilidade.

O quarto requisito se refere no domínio dos conteúdos específicos, próprios de cada área do saber. Compreender e dominar o conhecimento das ciências da natureza ou sociais e a filosofia tem sua importância, pois,

[...] de nada adianta, para as classes populares, que o educador tenha uma posição política favorável a elas se tiver um saber medíocre. Pois, a efetiva emancipação da humanidade implica a apropriação do que há de mais avançado em termos de saber e de técnica produzidos até hoje [...] (TONET, 2005, p.150).

Por último, o quinto requisito de uma prática educativa emancipadora preocupada com a transformação da atual sociedade se caracteriza pela [...] articulação da atividade educativa com as lutas desenvolvidas pelas classes subalternas, especialmente com as lutas daqueles que ocupam posições decisivas na estrutura produtiva [...] (TONET, 2005, p.151).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões desse estudo compreendemos que devemos ampliar nossa concepção de Educação, pois, nosso aprendizado acontece também fora dos espaços escolares formais e/ou institucionalizado, pois este se torna mais difícil de ser manipulado ou mesmo controlado pelo sistema educacional legalmente salvaguardado e sancionado.

Frisamos que a superação da sociedade capitalista cabe, primordialmente, a mudança do processo nas relações de trabalho e produção. Uma vez que a economia determina não somente o modelo social, mas também o educacional. Este último traz em seu currículo, de forma oculta, uma ideologia que garante a manutenção do sistema vigente. Neste sentido é preciso descortinar e desvelar a essência alienante da Educação, compreendendo que ela é/será um dos mecanismos que possibilitará a superação do status quo de minoria.

Parafraseando Gramsci, devemos nos instruir, porque precisamos da inteligência, necessitamos nos agitar, porque precisamos de entusiasmo e precisamos nos organizar, porque carecemos de toda força. Acreditamos que a luta de classe é o motor das grandes transformações históricas. É preciso lutar para a superação do atual modelo de Estado, que tem privilegiado a classe burguesa, agenciando e financiando o capital, é preciso refundar o Estado como esfera pública, pois o mesmo assumiu um caráter privatizado, no atual sistema. A Educação não pode ser vista desvestida do caráter político e econômico.

REFERENCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**: Censo da Educação Superior 2013. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: 24 out. 2015.

CAÑADELL, Rosa. Carta em defesa da educação na Espanha In: **Universidade e Sociedade**: crise, políticas públicas e greve. Ano XXII, nº51-março de 2013.

GUARESHI, Pedrinho Alcides. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudanças. Porto Alegre. Mundo Jovem, 1986.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder**: introdução à pedagogia do conflito. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 1998).

TONET, Ivo. Educação, cidadania e emancipação humana. Ijuí: Unijuí, 2005.

SAVIANI, Demerval. Educação socialista, pedagogia histórico-crítica e os desafios da sociedade de classes. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.) **Marxismo e educação**: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2008. p. 223-274.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. tradução de Isa Tavares – SP. 2ª. ed. Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **A transformação da educação em mercadoria no Brasil**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n108/a0630108.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2015.